



Da batalha ao turismo: potencial ecoturístico da comunidade quilombola Santa Maria de Guaxenduba, Maranhão, Brasil

From battle to tourism: ecotourism potential of the Santa Maria de Guaxenduba quilombola community, Maranhão, Brazil

Maria Amanda de Vasconcelos, Mônica de Nazaré Ferreira de Araújo,
Marcelo Derzi Vidal

RESUMO: O ecoturismo e o turismo de base comunitária se apresentam como uma alternativa ao turismo de massa e têm sido discutidos como alternativa para o desenvolvimento de comunidades tradicionais, especialmente em áreas protegidas, como as unidades de conservação. Este estudo analisou o potencial ecoturístico da comunidade quilombola Santa Maria de Guaxenduba (MA), articulando-o ao turismo de base comunitária e ao seu patrimônio histórico, cultural e natural. Os métodos de pesquisa incluíram entrevistas com lideranças comunitárias e empreendedores locais, visitas *in loco* a atrativos naturais, histórico-culturais e empreendimentos relacionados aos serviços de hospedagem, alimentação e artesanato. A pesquisa identificou iniciativas locais de hospedagem e alimentação, indicando viabilidade econômica para um desenvolvimento territorial sustentável. Contudo, limitações de infraestrutura e acesso ainda representam desafios significativos. Conclui-se que o turismo de base comunitária se configura como uma estratégia eficiente para promover o desenvolvimento territorial, ao integrar geração de renda com preservação cultural e conservação ambiental.

PALAVRAS-CHAVE: Geração de Renda; Sustentabilidade; Unidade de Conservação; Visitação.

ABSTRACT: Ecotourism and community-based tourism are an alternative to mass tourism and have been discussed as an alternative for the development of traditional communities, especially in protected areas such as protected areas. This study analyzed the ecotourism potential of the quilombola community of Santa Maria de Guaxenduba (MA), linking it to community-based tourism and its historical, cultural and natural heritage. The research methods included interviews with community leaders and local entrepreneurs, on-site visits to natural and historical-cultural attractions and enterprises related to lodging, food and handicraft services. The research identified local lodging and food initiatives, indicating economic viability for sustainable territorial development. However, infrastructure and access limitations still pose significant challenges. The conclusion is that community-based tourism is an efficient strategy for promoting territorial development by integrating income generation with cultural preservation and environmental conservation.

KEYWORDS: Income Generation; Sustainability; Protected Area; Visitation.

Introdução

O turismo emerge como um dos fenômenos socioeconômicos mais relevantes da contemporaneidade, impulsionado pela globalização (Urry, 2002), pelo avanço dos meios de transporte e pela crescente valorização das experiências culturais e de lazer (MacCannell, 1999). No Brasil, o setor do turismo se consolida como um pilar estratégico da economia. Dados de 2024, mostram que o segmento movimentou cerca de US\$ 167 bilhões, o equivalente a quase R\$ 950 bilhões, e já representa 7,7% de toda a economia nacional, segundo relatório de impactos econômicos da World Travel & Tourism Council (WTTC, 2025). No entanto, seu crescimento acelerado também levanta debates críticos sobre sustentabilidade e impactos ambientais (Gössling et al., 2021), além da mercantilização das tradições locais (Greenwood, 1989), tornando-se essencial analisá-lo sob múltiplas perspectivas.

O turismo, sob a perspectiva da sustentabilidade, apresenta o Turismo de Base Comunitária (TBC) como uma alternativa ao turismo de massa, sendo amplamente discutido como alternativa para o desenvolvimento de comunidades tradicionais, especialmente em áreas protegidas, comungando com a cultura local. Autores como Diegues (2000) destacam a importância do turismo comunitário como ferramenta para a conservação de áreas protegidas e a valorização de saberes e memórias locais. De modo complementar, Barretto (2007) enfatiza a necessidade de integrar a preservação do patrimônio histórico e cultural às atividades turísticas, de modo a evitar a descaracterização das comunidades e promover a geração de trabalho e renda de maneira sustentável.

Nesse contexto, foram identificadas na comunidade quilombola Santa Maria de Guaxenduba, localizada na Reserva Extrativista (RESEX) da Baía do Tubarão, no município de Icatu, Maranhão, potencialidades históricas, culturais e naturais para o desenvolvimento de um turismo identitário, que espelha o modo de ser da comunidade, sendo, portanto, mais autêntico.

Estudos como os de Leite (2012) evidenciam que o turismo pode ser uma estratégia para fortalecer a identidade cultural e a autonomia dessas populações, contanto que seja planejado de modo participativo e respeitoso.

Além de sua relevância como comunidade tradicional quilombola, Santa Maria de Guaxenduba foi palco de um importante evento da história colonial do Brasil: a Batalha de Guaxenduba, ocorrida em 1614. Naquele período, os franceses haviam se estabelecido na região do Maranhão, fundando a França Equinocial. Preocupados com a presença francesa, os portugueses organizaram expedições para retomar o controle da área. A batalha, portanto, foi um passo crucial para a consolidação do domínio português no norte do Brasil (Resende; Correia, 2019).

Esse confronto traz elementos fundamentais para a compreensão da formação social e histórica da região e do próprio estado (SEBRAE, 2022). Urry (2002) destaca que locais com narrativas históricas e, eventualmente, míticas têm grande potencial para atrair visitantes, desde que haja estrutura e serviços adequados para recebê-los e interpretar os significados desses lugares.

Diante disso, este trabalho se justifica pelas potencialidades visualizadas ao valorizar e proteger o patrimônio histórico e cultural do quilombo Santa Maria de Guaxenduba, aliando-o ao desenvolvimento do TBC. Outrossim, a pesquisa tem como objetivo identificar os potenciais turísticos sob o prisma de seus aspectos históricos, culturais e naturais da região, e também diagnosticar a infraestrutura de apoio local, serviços e empreendimentos disponíveis, de modo a analisar e propor ações viáveis que contribuam para o desenvolvimento de um turismo comunitário com melhorias socioeconômicas para a comunidade, respeitando suas tradições e o meio ambiente.

Estudo da arte

É recorrente em estudos que se debruçam acerca do turismo na região amazônica, que essa tem potencialidades econômicas e se presta a um tipo de desenvolvimento de cunho singular, que agrega referências da floresta conjugadas à preservação ambiental, com possibilidades de diversificar e gerar renda e trabalho (Figueiredo, 2022). Tal concepção, conforme este autor, tem origem em dois fundamentos nodais que são: o cenário de pobreza, que está relacionado às populações amazônicas desprovidas de recursos materiais e, por conseguinte, de uma estrutura de desenvolvimento e crescimento econômico. Em uma segunda perspectiva, tem-se as coações de atividades econômicas mais frequentes dessa região, que assolam a floresta, bem como a biodiversidade, traduzidas na extração de minérios, na pecuária e no agronegócio.

É nesse arcabouço de análise que se apresenta um modelo de turismo com raízes fincadas no protagonismo comunitário, cuja proposta de ação tenta se afastar do modo comum de desenvolvimento que devasta o mundo amazônico, sem um futuro que condiga com um equilíbrio societal e biodiverso. Eis, portanto, um caminho a se trilhar para pensar novas alternativas que possibilitem alguma prosperidade para aqueles que vivenciam os desafios de estarem vivendo no contexto da Amazônia, território de múltiplas significações no que tange a resistência de sua gente.

Araújo (2024), em pesquisa realizada na Amazônia boliviana, brasileira e peruana, sintetiza o significado do TBC quando o relaciona à produção de trabalho e renda para os comunitários, o conservar da natureza e a integração dos visitantes com os anfitriões-comunitários. Contudo, assoma-se a esta visão, o promover da organização comunitária, o que pode contribuir o turismo à construção de novos saberes, ao conhecimento e resgate da cultura tradicional, a criatividade, e ainda o ser possível unir as famílias com o fito de oferecer serviços turísticos, dinamizando a economia local e possibilitando trabalhos de cunho coletivo.

Especificamente na Amazônia maranhense, Reis e Cutrim (2024) ao pesquisarem a RESEX de Cururupu encontraram nesta um conjunto de disposições favoráveis, de cunho ecológico, humano e cultural, além de observarem nos comunitários, evidências do sentimento de pertencimento e sinais de aspiração para obterem prosperidade para os ilhéus. Um outro dado encontrado foi a perspectiva de que os moradores locais estão cientes da emergência de buscar alternativas para a diversificação de sua dinâmica, concentrada na pesca artesanal, entretanto, sem expor a maledicência ao ambiente natural, responsável por sua sobrevivência.

Ao analisarem projetos de TBC no território Lençóis Maranhenses/Munin, no estado do Maranhão, Santos e Rocha (2022) trazem como resultado de suas reflexões sobre o arcabouço que foi forjado no âmbito da concepção da Rota Guaxenduba (Icatu), a afirmação de que o TBC é um modelo capaz de contribuir para o desenvolvimento socioambiental de comunidades rurais, a exemplo da comunidade Santa Maria de Guaxenduba.

Metodologia

Área de estudo

A comunidade quilombola Santa Maria de Guaxenduba se localiza no município de Icatu (Figura 1), o segundo mais antigo do Maranhão (ISA, 2025), estando inserida na RESEX da Baía do Tubarão, UC federal de Uso Sustentável gerida pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). A UC foi criada em abril de 2018, e compreende uma área de 223.888,98 hectares (Brasil, 2018), com temperaturas superiores a 27°C, pluviosidade média anual de 1.719 mm e sazonalidade marcada por períodos seco (junho a novembro) e chuvoso (dezembro a maio) (Monteles et al., 2010).

Assim como em outras comunidades inseridas na RESEX, os moradores de Santa Maria de Guaxenduba vivem basicamente da pesca artesanal, da coleta de mariscos, da agricultura familiar e da criação de pequenos animais para consumo próprio (Soares, 2017; Matos et al., 2021). A fauna e flora presente na RESEX da Baía do Tubarão é típica do bioma marinho costeiro e abriga espécies ameaçadas como o peixe-boi-marinho *Trichechus manatus* e o boto-cinza *Sotalia guianensis* (Filgueira et al., 2021).

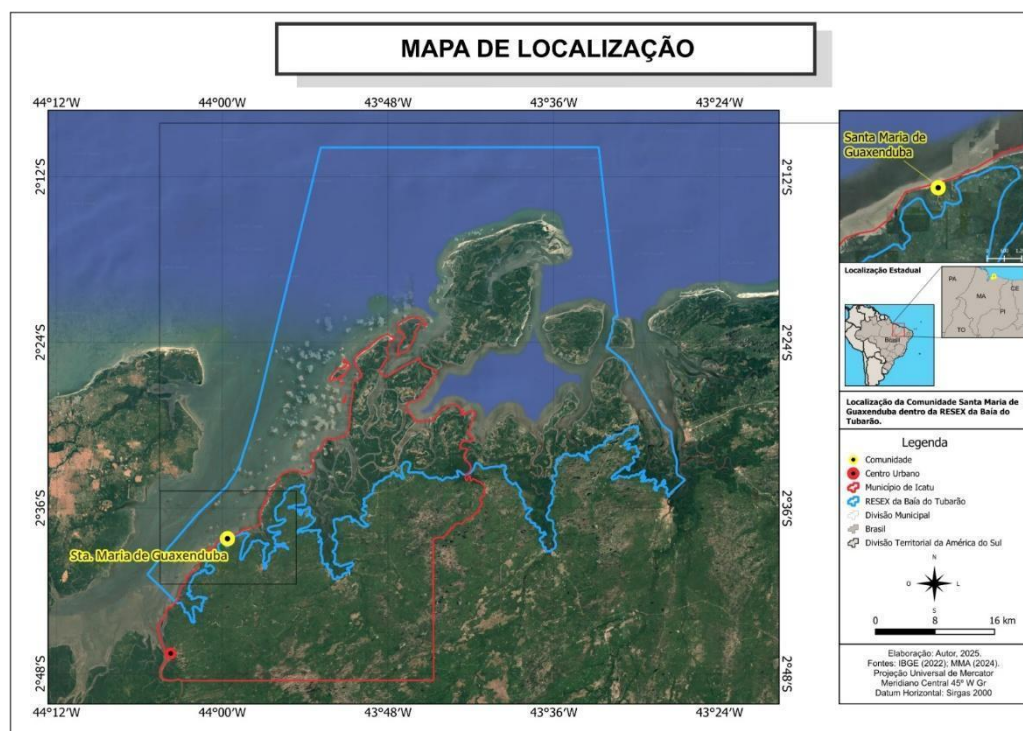


Figura 1: Área da RESEX da Baía do Tubarão, com destaque para a localização da comunidade Santa Maria de Guaxenduba.

Figure 1: Area of the Baía do Tubarão RESEX, highlighting the location of the Santa Maria de Guaxenduba community.

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Source: Elaborated by the authors (2025).

Coleta de dados

No período de 13 a 15 de janeiro de 2025, foram coletados dados para identificação das potencialidades da comunidade Santa Maria de Guaxenduba para o desenvolvimento do TBC, levando-se em consideração seu patrimônio histórico, cultural e natural, infraestrutura de apoio, serviços e empreendimentos disponíveis. Os métodos de pesquisa incluíram entrevistas com moradores locais e visitas *in loco* a atrativos naturais, histórico-culturais e empreendimentos relacionados aos serviços de hospedagem, alimentação e artesanato. Sempre que possível, fez-se o registro fotográfico para melhor caracterizar cada ambiente/atrativo visitado.

Durante as entrevistas, realizadas individualmente com lideranças comunitárias e empreendedores locais, utilizaram-se dois tipos de formulários semi estruturados, com duração média de 30 minutos cada. O primeiro tipo de formulário teve como objetivo caracterizar a comunidade, enquanto o segundo foi direcionado à caracterização de serviços e empreendimentos turísticos. Ambos os instrumentos seguiram as diretrizes metodológicas estabelecidas pelo Ministério do Turismo para a elaboração do Inventário da Oferta Turística, com base na numeração e categorização previstas nas normas oficiais. Complementarmente, foram consideradas as categorias A, B e C da lista de formulários do Inventário da Oferta Turística, selecionando-se os tipos e subtipos relevantes à pesquisa, conforme estabelecido pelo Ministério (MTUR, 2022).

Foi também realizada uma visita técnica a referida comunidade, nos dias 19 e 20 de maio de 2025, quando na ocasião, participando de evento promovido pela Secretaria de Estado do Turismo do Maranhão, fez-se uma atividade de campo para a “cata do caranguejo” (*infraordem Brachyura*), com duração de 2 horas e 10 minutos, de caráter exploratório, com vistas a formatação de um roteiro que permita incluir este produto como oferta turística da comunidade.

Os dados coletados foram registrados em cadernetas de campo, sendo posteriormente tabulados em planilha do Microsoft® Excel e analisados de modo a contribuir na elaboração deste estudo. A pesquisa foi desenvolvida no âmbito do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Sociobiodiversidade Associada a Povos e Comunidades Tradicionais (CNPT/ICMBio) e, por ter sido realizada no interior de UC federal, foi autorizada por meio da licença SISBIO nº 99053-1.

Resultados

Caracterização da comunidade

O acesso a comunidade Santa Maria de Guaxenduba pode ser por via terrestre, partindo da cidade de Icatu e percorrendo aproximadamente 23 quilômetros de estrada não pavimentada. Durante este percurso, cruza-se por algumas comunidades e diversos corpos d'água (igarapés e lagoas) que são utilizados para lazer pelos moradores locais. O deslocamento terrestre pode ser feito por meio da contratação de moto-táxi, que cobra entre R\$50,00 e 60,00 reais, pois não há oferta de transporte público regular. O acesso ao povoado pode ser feito ainda por via aquática, partindo da cidade de São José de Ribamar e cruzando um trecho de mar por aproximadamente 50 minutos, a depender do tipo e potência da embarcação utilizada. Para este deslocamento, os barcos regionais operam regularmente de segunda a sábado, sendo o preço da passagem R\$20,00/pessoa e, aos domingos, sob frete e agendamentos. Os comunitários preferem utilizar o acesso marinho, devido ao menor tempo de deslocamento e custo-benefício da modalidade, ao passo que os visitantes ou turistas costumam utilizar o acesso terrestre.

Sobre a comunicação, o sinal de telefone e internet das operadoras Tim, Oi, Vivo e Claro funcionam com certa oscilação. Não há nenhum tipo de serviço bancário como agência, caixa eletrônico ou casa lotérica no local, o mais próximo fica na sede de Icatu, sendo necessário por parte do visitante certo planejamento antecipado em relação a formas de pagamento. No entanto, de maneira geral, os serviços de hospedagem e alimentação podem ser pagos por transferência via PIX.

A comunidade conta com uma borracharia, mas não possui oficina mecânica para serviços mais especializados, nem posto de combustível, havendo a necessidade de buscar este tipo de serviço em outras comunidades ou na sede do município.

Sobre os serviços públicos básicos existentes, pode-se citar a energia elétrica fornecida pela concessionária estadual, água encanada proveniente de poços artesianos e esgoto destinado em fossas. O sistema público de coleta de lixo não contempla a comunidade, tornando o lixo um desafio e

problema frequente dos comunitários e empreendedores locais, fazendo com que muitos recorram a “queima” da maior parte dos resíduos. Não há hospital ou posto de saúde, estando a Unidade Básica de Saúde mais próxima a quatro quilômetros de distância, na comunidade Jussatuba. O sistema educacional na comunidade é bastante deficiente, existindo somente uma escola municipal, que atende do nível infantil ao fundamental II. Assim, aqueles que querem realizar o nível médio precisam frequentar escolas localizadas em outras comunidades ou na cidade de Icatu.

Caracterização de empreendimentos e serviços

Foram realizadas entrevistas com os gestores e/ou proprietários dos quatro empreendimentos que ofertam serviços de hospedagem na comunidade, sendo que todos ainda disponibilizam aos visitantes a venda de alimentação e bebidas. O mais antigo desses empreendimentos é o Brisa do Mar, pioneiro na oferta de hospedagem, alimentação e bebidas na localidade, tendo iniciado suas atividades em 2002. Os demais abriram suas iniciativas entre os anos de 2021 e 2022. O número total de hóspedes nos empreendimentos é 80, distribuídos em 11 quartos e 4 redários (Tabela 1, próxima página).

Tabela 1: Caracterização dos empreendimentos que oferecem hospedagem na comunidade Santa Maria de Guaxenduba, Icatu – MA.

Table 1: Characterization of the establishments that offer accommodation in the Santa Maria de Guaxenduba community, Icatu – MA.

Empreendimento	Aconchego do Grilo	Brisa do Mar	Chácara Gnel	Recanto de Guaxenduba
Nº total de hóspedes	20	19	25	16
Nº de quartos	2	3	3	3
Nº total de hóspedes nos quartos	6	9	6	6
Nº total de hóspedes no redário	14	10	19	10

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Source: Elaborated by the authors (2025).

A culinária oferecida é um reflexo autêntico do modo de vida local, baseada principalmente em pratos típicos como peixes frescos, camarões, caranguejos, sururus e sarnambis (Figura 2). Além dos frutos do mar, a galinha caipira e a carne de sol complementam o cardápio. O preço médio é de R\$30,00 reais para pratos-feitos e R\$155,00 na opção *à la carte*.



Figura 2: Prato típico, baseado em camarões, ofertado na comunidade Santa Maria de Guaxenduba.

Figure 2: A traditional shrimp-based dish served by the Santa Maria de Guaxenduba community.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Source: Prepared by the authors.

Foram ainda realizadas entrevistas com duas comunitárias não vinculadas aos empreendimentos que oferecem hospedagem. Uma delas trabalha com a venda de artesanato desde 2024. Entre os materiais utilizados para produzir cortinas, abajures e suspensórios para decoração, destacam-se as conchas e búzios do mar (Figura 3), bem como roupas e chinelos enfeitados com miçangas variadas. A maior parte de sua demanda é oriunda de encomendas, feitas por conhecidos ou visitantes que frequentam a praia do povoado nos finais de semana. A outra, comunitária desenvolve atividades, principalmente, no setor alimentício. Na frente de sua casa, aos finais de semana, ela vende bolos, dindins, óleo e azeite de coco babaçu. A comunitária é uma das idealizadoras do projeto “Coletivo de Mulheres Flores do Babaçu”. Este grupo, anteriormente integrado por seis mulheres, hoje conta com a participação de apenas duas, as demais foram perdendo o interesse na participação ou buscando outras oportunidades, já que pouco foi feito para o fortalecimento dessa iniciativa.



Figura 3: Adorno de parede com conchas, confeccionado por artesãos na comunidade Santa Maria de Guaxenduba.

Figure 3: A handcrafted seashell wall decoration made by an artisan from the Santa Maria de Guaxenduba community.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Source: Prepared by the authors.

Atrativos histórico-culturais e naturais

No levantamento dos atrativos histórico-culturais, foram apontados pelos entrevistados a herança quilombola e afrodescendente da comunidade, a importância histórica da Batalha de Guaxenduba para a região, bem como as ruínas do Forte de Santa Maria de Guaxenduba para a interpretação patrimonial local e a força da crença em encantarias e lendas como parte da identidade e memória.

As ruínas do Forte de Santa Maria de Guaxenduba (Fig. 4, próxima página) situam-se no alto de um morro, nas proximidades de um penhasco com vista para o mar. No local, é possível identificar que a vegetação sobe pelas estruturas que ainda resistem, e apenas uma placa de madeira sinaliza a seguinte frase: “Vestígios do Forte de Santa Maria de Guaxenduba (1614). Aqui nasceu o Maranhão”, evidenciando o precário nível de sinalização turística e interpretação patrimonial desse importante ponto histórico-cultural.



Figura 4: Ruínas do Forte de Santa Maria de Guaxenduba, situado na comunidade homônima.

Figure 4: The ruins of the Santa Maria de Guaxenduba Fort, located in the community of the same name.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Source: Prepared by the authors.

Do ponto de vista místico, moradores locais relataram duas histórias traduzidas em lendas: a primeira diz respeito a uma entidade masculina chamada Jacó, que vivia próximo a um poço de pedra no município de Axixá e vigiava aquele espaço. O mito fala de um pescador que sumiu e nunca mais apareceu, pois teria se encantado quando viu Jacó, e desde então, passou a incorporá-lo. Este pescador usava um chapéu branco, e todas as vezes que o colocava na cabeça era possuído por Jacó. A segunda narrativa se detém sobre Zé Pretinho, um homem que se deitou para descansar na praia das conchas, quando, repentinamente, ouviu um chamado de três mulheres e, a partir desse encontro misterioso, passou a viver um encantamento ligado a uma planta chamada Cira. Os moradores da região, preocupados com seu desaparecimento, saíram em busca de Pretinho, e o encontraram dentro da planta, curiosamente sem espinhos, sentado, tranquilamente, com café e açúcar. Relata o homem que foram as mulheres que o levaram até lá. Zé Pretinho faleceu em 2024, entretanto, sua história permanece viva na memória da comunidade.

Sobre os atrativos naturais, foram apontados a praia em frente à comunidade, o rio Jacaré, os manguezais, a fauna e flora diversas, e a geografia local, caracterizada por uma grande quantidade de morros, com paisagens de mata nativa, coberta por babaçu (*Attalea speciosa*), juçara (*Euterpe edulis*) e buriti (*Mauritia flexuosa*) (SETUR-MA, 2025), dentre outras que protagonizam o cenário natural.

Tem-se ainda a ilha de Mujucaia, caracterizada por manguezais e propícia a banhos, observação de flora e fauna, caminhadas, e onde,

comumente, tira-se o caranguejo. Soma-se a essa catalogação a praia das conchas, repleta de formações protetoras de moluscos, e que possui uma nascente de águas geladas que vertem para o mar.

A cata do caranguejo

O percurso para a “cata do caranguejo”, iniciado no porto de Santa Maria de Guaxenduba e finalizado na ilha de Mujuaia, foi realizado em uma embarcação regional antes utilizada para o transporte de pessoas da comunidade para o município de São José de Ribamar. Durante o percurso, realizado em aproximadamente 34 minutos, foi possível avistar aves e alguns currais de pesca dispostos ao longo do litoral (Figura 5, próxima página).

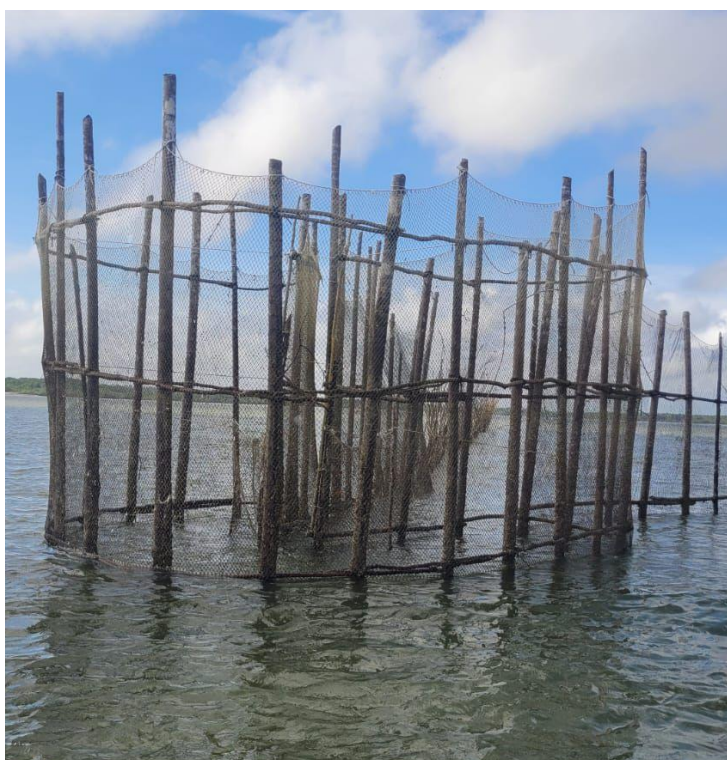


Figura 5: Curral de pesca nas proximidades da ilha de Mujuaia, em Santa Maria de Guaxenduba.

Figure 5: A fish-trap enclosure situated near Mujuaia Island in Santa Maria de Guaxenduba.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Source: Prepared by the authors.

Já na ilha de Mujuaia, um dos comunitários com experiência na cata de caranguejos foi realizar a captura dos crustáceos em um trecho de manguezal. Porém, o grupo de 13 visitantes não participou da ida até o mangue para esta tiragem, por não estar com roupas e calçados adequados. Portanto, os visitantes limitaram-se a andar pela ilha, contemplar a natureza, banhar-se na “croá” e aprender sobre a biodiversidade local, sempre acompanhados pelo comunitário condutor do barco. Em seguida, o catador de caranguejo trouxe os espécimes capturados e fez a lavagem desses na enseada, que consistia em sacudi-los na água, atividade também realizada

por alguns dos visitantes. O tempo de permanência na ilha foi de aproximadamente 40 minutos.

Na viagem de retorno, fez-se uma parada na praia das conchas, onde permaneceu por cerca de 15 minutos, momento em que uma comunitária fez relatos sobre histórias desse ponto de interesse turístico. Em seguida, prosseguiu-se viagem até a comunidade.

Ao final da experiência, uma das autoras da pesquisa e uma comunitária prepararam uma caranguejada (caranguejo a toc-toc), cada uma a seu modo, e degustaram deste prato típico local, em um almoço coletivo.

A construção do turismo de base comunitária: primeiras articulações

Ao iniciar as investigações sobre a dinâmica do turismo em Santa Maria do Guaxenduba, um dos entrevistados relatou que na comunidade sempre existiu um tipo de turismo, entendido como comunitário, embora fazendo uma distinção de que este termo é diferente do que seria o TBC, concebido pela literatura especializada, ou seja, o entendimento para aquele movimento de pessoas que já frequentavam o local e, por vezes, passavam o dia, seria de um turismo por assim dizer, histórico. Portanto, caracterizava-se mais ao que se conceitua como excursionismo, caracterizado com a ausência de pernoite na localidade e a estadia por menos de 24 horas.

A mesma fonte informa que comunidades como Santa Maria de Guaxenduba e Boca da Mata recebiam, por exemplo, no período junino, um tipo de turismo cultural, a partir das atividades que eram realizadas por conta do Bumba-meu-boi, quando vários eventos, como ensaios e festas, eram frequentados por pessoas que iam passar a noite nessas comunidades, incluindo aí, também, Juçatuba e em outras que ficavam mais à frente, na região de Icatu.

A continuar sua explanação, o entrevistado afirma que a equipe do Núcleo de Extensão e Desenvolvimento (LABEX), da Universidade Estadual do Maranhão, começou a frequentar a região e em um dado momento,

[...] começamos a discutir com o pessoal do Colegiado de Desenvolvimento Territorial do Território Rural Lençóis Maranhenses/Munim a possibilidade de organizar dentro de uma proposta de turismo de base comunitária, a Rota Guaxenduba. Então, houve várias reuniões e atividades onde a gente articulou esta Rota. E assim, houve um início de articulação, tanto é que a pousada da mãe de Élide, foi criada já dentro dessa discussão e muitas outras atividades mais organizativas também, mas que nem fluíram tão bem (Infor. verbal).

Ademais, o entrevistado declarou que no período pré-pandêmico da COVID-19, houve uma situação um tanto quanto perturbadora, quando a equipe da Secretaria de Estado da Igualdade Racial do Maranhão propôs a criação de uma Rota Quilombola com o mesmo nome da Rota Guaxenduba, sendo que esta não seria de TBC, fato este que causou muita confusão e terminou por sobrepor algumas atividades. Soma-se a isso, a finalização do projeto do LABEX que estava sendo executado no território. Assim, em decorrência desses eventos, as articulações ficaram paradas.

Discussão

Os resultados encontrados sobre a comunidade quilombola Santa Maria de Guaxenduba evidenciam um espaço repleto de potencialidades turísticas, mas que ainda enfrenta desafios significativos para o desenvolvimento de um turismo comunitário comprometido com a sustentabilidade.

A acessibilidade à comunidade, seja por via terrestre ou aquática, revela-se um ponto passível de melhorias. A estrada não pavimentada e a falta de transporte público regular dificultam o deslocamento de visitantes. Apesar disso, a existência de barcos regionais, que operam regularmente, é um aspecto positivo, pois oferece uma alternativa viável para o deslocamento até a comunidade. Já a infraestrutura de comunicação e serviços básicos também apresenta limitações, mas a aceitação de pagamentos via PIX demonstra uma adaptação às novas tecnologias, o que pode ser expandido para outras áreas, como a promoção digital do turismo local, principalmente por meio de redes sociais.

De modo semelhante, o estudo de Oliveira e Silva (2021), realizado no Quilombo São José da Serra (RJ), demonstra que a riqueza cultural associada à beleza cênica do território constitui importantes trunfos para o desenvolvimento do TBC. Segundo os autores, mesmo em contextos com carência de infraestrutura básica, a organização comunitária endógena mostrou-se capaz de catalisar processos de desenvolvimento local (Oliveira; Silva, 2021), preservando tradições culturais enquanto gerava renda para as famílias locais. Esse modelo, que combina protagonismo comunitário com políticas públicas de capacitação técnica, apresenta-se como alternativa replicável para Santa Maria de Guaxenduba, onde condições similares de patrimônio cultural e natural podem ser potencializadas.

No que diz respeito à ausência de coleta de lixo e a queima de resíduos, estes são problemas ambientais que precisam ser urgentemente abordados, visando encaminhamentos resolutivos. A implementação de um sistema de coleta seletiva e reciclagem, aliada à educação ambiental, poderia mitigar impactos negativos e contribuir para a sustentabilidade do turismo. Como evidenciado por Nunes e Ferreira (2014) no distrito de Jericó (PE), a reciclagem comunitária reduziu em 70% os resíduos destinados a lixões, enquanto gerava renda complementar para as famílias locais. Paralelamente, Oliveira e Silva (2021) mostraram que soluções como a criação de associações de catadores e o uso de tecnologias simples como biodigestores podem superar limitações estruturais, como observado no Quilombo São José da Serra (RJ). Essas experiências comprovam que a gestão participativa de resíduos, quando integrada ao Turismo de Base Comunitária (TBC), pode não só mitigar impactos ambientais como também fortalecer a economia local.

O patrimônio histórico e cultural de Santa Maria de Guaxenduba, incluindo as lendas, é um dos seus maiores atrativos turísticos. A herança quilombola e afrodescendente, aliada à importância histórica da Batalha de Guaxenduba e às ruínas do Forte de Santa Maria de Guaxenduba, oferecem material para a interpretação patrimonial e a educação histórica. No entanto, o estado de conservação das ruínas e a falta de sinalização adequada evidenciam a necessidade de investimentos em preservação e divulgação. A

criação de um plano de gestão patrimonial, em parceria com as Secretaria de Cultura e Turismo do Estado do Maranhão, e a participação da comunidade, poderiam transformar o local em um ponto de maior interesse turístico, gerando mais renda e fortalecendo a identidade cultural.

Assim como demonstrado no estudo “Turismo de Base Comunitária na Comunidade Quilombola da Vila das Almas, em Brejo/MA: Possibilidades e Avanços” (Ferreira; Santana; Brussio, 2025), a valorização do patrimônio imaterial, incluindo lendas e saberes tradicionais, combinada com a gestão participativa, constitui um pilar essencial para o desenvolvimento bem-sucedido do turismo em territórios quilombolas. No caso da comunidade estudada, a articulação entre a preservação das ruínas do Forte, a narrativa histórica da Batalha de Guaxenduba e os conhecimentos ancestrais locais poderia inspirar-se no modelo de TBC implementado em Vila das Almas. Nesta comunidade, a realização de oficinas comunitárias e o estabelecimento de parcerias institucionais contribuíram significativamente para o fortalecimento tanto da economia local quanto da identidade cultural. A adoção de um plano de gestão colaborativa, que integre a sinalização interpretativa do sítio histórico com roteiros turísticos fundamentados na memória oral quilombola, representaria uma solução abrangente para os desafios de conservação, ao mesmo tempo que posicionaria o local como um destino de turismo cultural sustentável. Esta abordagem permitiria replicar os avanços já observados em contextos análogos no estado do Maranhão, seguindo um modelo comprovadamente eficaz de desenvolvimento turístico comunitário.

Já os atrativos naturais, como a ilha de Mujucaia, a praia das conchas, os manguezais e a diversidade da fauna e flora, são elementos-chave para o turismo sustentável. A paisagem da região, caracterizada por morros e vegetação nativa, oferece oportunidades para o ecoturismo e o turismo de aventura. Inclusive, a comunidade fez parte do Circuito de Turismo de Aventura, promovido pelo SEBRAE-MA em 2024, conforme matéria publicada pela Agência SEBRAE de Notícias. Tal evento reafirmou que a criação de iniciativas como trilhas estruturadas e sinalizadas, e pontos de observação, podem maximizar o aproveitamento desses recursos.

A oferta de serviços de hospedagem e alimentação, embora ainda inicial, com exceção do empreendimento Brisa do Mar, demonstra a capacidade da comunidade para receber visitantes e turistas. A culinária local, baseada em pratos típicos como peixes frescos, camarões e caranguejos é um diferencial que pode atrair e marcar positivamente os visitantes. No entanto, a falta de diversificação nos serviços – problemas de precificação e a falta de estruturação de roteiros potenciais – indicam a necessidade de fortalecer e capacitar tais iniciativas locais. O projeto “Coletivo de Mulheres Flores do Babaçu”, por exemplo, poderia ser revitalizado com o apoio de políticas públicas e parcerias com o setor privado, promovendo a geração de renda e o empoderamento da comunidade.

Importante ressaltar que, recentemente, a Secretaria de Estado do Turismo do Maranhão, por meio do projeto Trilha de Saberes para o Turismo, realizou uma série de atividades cuja metodologia apresentou

ações imersivas utilizando equipamentos como os de hospedagem e alimentação de Santa Maria, roda de conversas, formação em produção associada ao turismo, com enfoque para o artesanato, hospedagem e alimentação, roteirização turística e feirinha cultural. Essas iniciativas foram detalhadas na matéria “Projeto Trilha de Saberes oferece serviços à comunidade quilombola de Santa Maria, em Icatu” (O Imparcial, 2025). Isto posto, pontua-se que a presença de iniciativas que fomentam o TBC por agentes externos à comunidade reforça o que Giamcopoli, Saayman e Jugmohan (2015) preconizam sobre a ajuda que as instituições governamentais e não governamentais podem oferecer às comunidades.

No que diz respeito a atuação da extensão universitária e sua prática de aprendizagem e de formação de cidadãos, Walotek, Knupp e Moraes (2024) propuseram, como resultado de um diagnóstico realizado em Santa Catarina em áreas de TBC, a implementação de governança dos receptivos turísticos de base comunitária para disponibilizar seus roteiros para as agências e operadoras estaduais, nacionais e internacionais. Indicando ainda a relevância de trabalhos em rede como uma tendência necessária para a valorização do TBC.

Considerações Finais

Nossos resultados demonstram que a comunidade Santa Maria de Guaxenduba possui um potencial turístico significativo, que pode ser explorado de maneira sustentável e com a participação comunitária.

A base do TBC é o protagonismo das comunidades sobre as atividades turísticas. Isso significa que as decisões sobre o que, como e quando fazer devem partir dos moradores. O empoderamento se dá pela capacitação, pela distribuição justa dos benefícios e pela garantia de que a cultura e os valores locais sejam respeitados e fortalecidos. É crucial que haja um processo de resgate e valorização das narrativas orais, das festas tradicionais, do artesanato, da culinária típica e das práticas ancestrais. O turista busca autenticidade e a imersão na cultura local, mediada pelos próprios moradores, proporciona uma troca genuína e significativa. É fundamental ainda que as atividades turísticas em Santa Maria de Guaxenduba sejam planejadas de forma a minimizar impactos negativos, utilizando o manejo adequado de resíduos e promovendo a educação ambiental para moradores e visitantes. A sustentabilidade não se limita à proteção da natureza, mas também à garantia de que os recursos naturais continuarão disponíveis para as futuras gerações.

Nesse sentido, é essencial o fortalecimento de parcerias com organizações não governamentais, universidades, órgãos governamentais e setor privado. Essas redes podem oferecer apoio técnico, financeiro, promover a troca de experiências e facilitar a comercialização dos produtos e serviços turísticos. O desenvolvimento do TBC na comunidade Santa Maria de Guaxenduba é um caminho para um futuro mais justo e sustentável, onde o turismo não é apenas uma atividade econômica, mas uma ferramenta de transformação social. A premissa de valorizar e proteger o patrimônio histórico, cultural e ambiental é a garantia de que o TBC será um catalisador de autonomia e prosperidade para a comunidade, oferecendo aos visitantes experiências enriquecedoras e memoráveis.

Referências

- ARAÚJO, M. N. F. **Turismo de base comunitária na Pan-Amazônia: tecnologias sociais do Brasil, Bolívia e Peru**. Belém: NAEA, 2024.
- BARRETTO, M. **Patrimônio cultural e turismo: desafios e perspectivas**. Campinas: Papirus, 2007.
- BRASIL. **Decreto no 9.340**, de 5 de abril de 2018. Diário Oficial da União. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/decreto/D9340.htm. Acesso em: 15 de maio de 2025.
- BRASIL. Ministério do Turismo. **Inventário da Oferta Turística**. Portal Gov. Brasília, Brasil, 7 Fev. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo-/publicacoes/inventario-da-oferta-turistica>. Acesso em: 1 fev. 2025.
- BRASIL. Ministério do Turismo. **Sistema Brasileiro de Classificação de Meios de Hospedagem: cartilha de orientação básica**. 2. ed. Brasília, DF: Ministério do Turismo, 2010. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/slideshow/classificacao-hoteleira-cama-e-caf-cartilha-de-orientao-bsica/9365861>. Acesso em: 4 maio 2026.
- DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.
- FERREIRA, D. L.; SANTANA, G.; BRUSSIO, J. C. Turismo de Base Comunitária na comunidade quilombola da Vila das Almas, em Brejo/MA: possibilidades e avanços. Dossiê Turismo de Base Comunitária. **Revista Turismo Estudos e Práticas**, v. 14, n. 1, 2025.
- FIGUEIREDO, S. J. L. Alternativas de turismo de base comunitária na Amazônia Legal Brasileira. In: Dossiê Turismo, Patrimônio e Políticas Públicas. **Revue Franco-Brésilienne de Géographie**, n. 54, 2022.
- FILGUEIRA CHMS; ZAPPES CA; VIDAL MD; SILVA NUNES JL. Traditional knowledge of artisanal fishers and *Sotalia guianensis* (Van Bénédén, 1864) (Cetacea, Delphinidae) in the Extractive Reserve Baía do Tubarão (Brazilian Amazon coast). **Ocean and Coastal Management**, n. 210, p. 105700, Jun. 2021.
- GÖSSLING, S et al. Global Tourism's Carbon Footprint: A Research Agenda for Climate Change Mitigation. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 29, n. 1, p. 1-19, 2021. DOI: 10.1080/09669582.2020.1825456.
- GREENWOOD, DJ. Culture by the Pound: An Anthropological Perspective on Tourism as Cultural Commoditization. In: SMITH, Valene L. (Org.). **Hosts and Guests: The Anthropology of Tourism**. 2. ed. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1989. p. 171-185.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). Santa Maria de Guaxenduba. In: **Povos Tradicionais e Biodiversidade no Brasil**. Disponível em: <https://uc.socioambiental.org/pt-br/arp/783>. Acesso em: 1 fev. 2025.

LEITE, I B. Quilombos e quilombolas: cidadania ou folclorização? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 191-213, 2012.

LOJA VIRTUAL SEBRAE. **Inventário Turístico de Icatu**. São Luís: SEBRAE, 2022. Disponível em: <https://ma.lojavirtualsebrae.com.br/biblioteca-digital/book/143-inventario-turistico-de-icatu>. Acesso em: 11 fev. 2025.

MACCANNELL, D. **The Tourist: A New Theory of the Leisure Class**. With a New Foreword by Lucy R. Lippard and a New Epilogue by the Author. 1. ed. Berkeley: University of California Press, 1999. 280 p.

MATOS, P. H. et al. **Icatu: nosso viver: estudos regionais**. Fortaleza: Editora Viana, 2021.

MONTELES, J. S.; FUNO, I. C. A.; CASTRO, A. C. L. Caracterização da pesca artesanal nos municípios de Humberto de Campos e Primeira Cruz - Ma. **Boletim do Laboratório de Hidrobiologia**, 65–74, 2010.

NUNES, A. C. F.; FERREIRA, M. G. O. Lixo e sustentabilidade: a importância da reciclagem para os operadores do distrito de Jericó, Triunfo-PE. **Revista Eletrônica do Ambiente**, [S. l.], 2014. Disponível em: <http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=1803>. Acesso em: 09 jul. 2025.

O IMPARCIAL. Projeto Trilha de Saberes oferece serviços à comunidade quilombola de Santa Maria, em Icatu. **O Imparcial**. São Luís, 12 maio 2025. Disponível em: <https://oimparcial.com.br/noticias/2025/05/projeto-trilha-de-saberes-oferece-servicos-a-comunidade-quilombola-de-santa-maria-em-icatu/>. Acesso em: 09 jul. 2025.

REIS, R. J.; CUTRIM, K. D. G. Turismo de base comunitária em unidades de conservação habitadas por povos e comunidades tradicionais – às perspectivas na Reserva Extrativista de Cururupu. **Poliética**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 360-385, 2024.

RESENDE, V. L.; CORREIA, C. O. V. **Jerônimo de Albuquerque Maranhão e a batalha de Guaxenduba**. Curitiba: Memorial do Ministério Público do Paraná, 27 jun. 2019. Disponível em: <https://site.mppr.mp.br/memorial/Pagina/Jeronimo-de-Albuquerque-Maranhao-e-batalha-de-Guaxenduba>. Acesso em: 4 maio 2026.

SANTOS, I. J. P.; ROCHA, M. S. Rota das Areias e rota Guaxenduba: análise sobre os projetos de turismo de base comunitária no território Lençóis Maranhenses/Munim, no Maranhão. **Revista Terceira Margem Amazônia**, v. 8, n. 19, p. 131-151, 2022. <http://dx.doi.org/10.36882/2525-4812.2022v8i19.p131-151>

SEBRAE-MA. Aventura e integração marcam o Circuito de Turismo de Aventura em Icatu, Humberto de Campos, Primeira Cruz e Tutóia. **Agência SEBRAE de Notícias**, 2024. Disponível em: <https://ma.agenciasebrae.com.br/cultura-empREENDEDORA/aventura-e-integracao-marcam-o-circuito-de-turismo-de-aventura-em-icatu-humberto-de-campos-primeira-cruz-e-tutoia/>. Acesso em: 09 jul. 2025.

SETUR-MA (Secretaria de Estado do Turismo – Maranhão). Polo Munim. **Secretaria de Estado do Turismo do Maranhão**. Disponível em: <https://turismo.ma.gov.br/programas-ou-campanhas/polo-munim>. Acesso em: 28 fev. 2025.

SOARES, A. K. A. Reserva Extrativista Baía do Tubarão - Municípios de Icatu e Humberto de Campos, Estado do Maranhão. **Estudo Socioambiental**. São Luís: ICMBio, 2017. Disponível em: file:///C:/Users/mathe/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/Arquivos%20BA%C3%8DA%20DE%20TUBAR%C3%83O/estudo_socioambiental_RESEX_baia_do_tubarao.pdf.

URRY, J. **The Tourist Gaze**. 2. ed. Londres: SAGE Publications, 2002.

WALOTEK, J. B.; KNUPP, M. E.; MORAES, W. **O turismo de base comunitária como prática de extensão universitária: uma experiência no Instituto Federal de Santa Catarina**. Caderno Virtual de Turismo, v. 24, n. 1, 2024.

WORLD TRAVEL & TOURISM COUNCIL (WTTC). **Relatório de Impacto Econômico 2025**: Brasil. Londres: WTTC, 2025.

Agradecimentos

Manifestamos nossos sinceros agradecimentos aos moradores e empreendedores da comunidade quilombola Santa Maria de Guaxenduba, pela disponibilidade, confiança e participação na pesquisa. Sem vocês, este trabalho não seria possível. Agradecemos igualmente ao Núcleo de Gestão Integrada São Luís, do ICMBio, pelo apoio logístico e institucional.

Maria Amanda de Vasconcelos: Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, MA, Brasil.

E-mail: maria.adevasconcelos@gmail.com

Link para o currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6755295838471831>

Mônica de Nazaré Ferreira de Araújo: Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, MA, Brasil.

E-mail: monica.nazare@ufma.br

Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9650733523825165>

Marcelo Derzi Vidal: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), São Luís, MA, Brasil.

E-mail: marcelo.vidal@icmbio.gov.br

Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0861725321644797>